

TRAFORISMO E ASSUNÇÃO MULTIDIMENSIONAL NO PAPEL DE DOCENTE DE CONSCIENCILOGIA

Strongtraitism and Multidimensional Assumption of the Conscientiology Teacher Role

Caroline Andreia Engelmann

RESUMO. O presente trabalho busca abordar os aspectos do traforismo e da postura de assunção multidimensional do papel social do docente em conscienciologia. A metodologia utilizada no artigo foi a pesquisa bibliográfica e análise de experiências e vivências da autora. O artigo está organizado da seguinte maneira: introdução, docência, docência conscienciológica, traforismo, assunção multidimensional e culmina nas considerações finais. São feitas análises a respeito do traforismo e traforismo, assim como dos impactos da autorresponsabilização na boa utilização dos trafores pessoais. Outro aspecto discutido no presente artigo é em relação à autoconscientização multidimensional, conexão com amparo de função e ao aspecto parapsíquico da docência em conscienciologia.

Palavras-chave: autopesquisa; traforismo; parapedagogia; consciencimetrologia; parapercepciologia.

ABSTRACT. The present work seeks to address the aspects of strongtraitism and the posture of multidimensional assumption of the social role of the Conscientiology instructor. The methodology used were bibliographical research and analysis of the author's experiences. The article is organised as follows: Introduction, Teaching, Conscientiological Teaching, Strongtraitism, Multidimensional Assumption and Final Considerations. Analyses of strongtraitism and weaktraitism are made, as well as the impacts of the self-responsibility in the good use of the personal strong traits. Another aspect discussed in the article is in relation to the multidimensional self-awareness, the connection to the extraphysical helpers and the parapsychic aspect of teaching in conscientiology.

Key words: self-research; strongtraits; consciencimetrology; paraperceptiology; parapedagogiology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se apresenta como uma análise contextualizada no âmbito de experiências pessoais a respeito dos efeitos da traforologia e a assunção do papel de docente multidimensional no transcurso do curso para formação de professores em Conscienciologia.

Procurou-se refletir sobre a ocorrência de efeitos homeostáticos e nosográficos referentes (ou relativos) à assunção de traços força durante o posicionamento multidimensional do papel de docente de conscienciologia.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica dos conceitos discorridos no artigo, alinhados à análise de experiências da autora enquanto no processo para formação docente em conscienciologia.

O artigo foi estruturado em 4 seções, sendo a primeira uma abordagem geral referente ao tema da docência, na seguinte seção se expande o tema para docência conscienciológica. A terceira seção trata do traforismo, autodesassédio e posturas otimizadoras. Na quarta e última seção aborda-se a assunção multidimensional e elabora-se reflexões correlatas ao tema. Na sequência encontram-se as considerações finais.

1. DOCÊNCIA

O processo de ensino e aprendizagem tem raízes multimilenares, com esboços de suas fundações presentes pré-historicamente nas mais diversas civilizações. A educação assume características informais nos seus primórdios e passa a ser progressivamente formalizada e institucionalizada através do tempo. Para Freire (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante.

Deste modo, é possível verificar a responsabilidade dos personagens presentes no processo de ensino e aprendizagem, em especial o papel do professor. Neste sentido Bulgraen (2010) afirma que ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Não sendo um processo pronto e finito, o empreendimento do docente de trabalhar em si mesmo é cíclico e exige renovação constante.

Ainda no pensamento de Bulgraen (2010) encontram-se informações valiosas para a vivência docente relacionada à desestagnação da práxis educativa. A autora afirma ainda, que o educador tem necessidade de renovar sua forma pedagógica para, do melhor modo, atender a seus alunos, visto que é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão que o educador pode assumir seu papel e interessar-se em realmente aprender a ensinar.

Com estas reflexões verifica-se que a docência convencional de qualidade pressupõe a constante reciclagem dos saberes e das práticas pedagógicas. Podemos a partir disso expandir estes conceitos com a adição do paradigma consciencial e da docência conscienciológica.

2. DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

O autor Hegrison Alves (2011), afirma que dentre as atividades interassistenciais realizadas na conscienciologia, a docência conscienciológica certamente possui papel singular no trabalho de auto e heteroesclarecimento quanto à realidade consciencial e suas manifestações.

Isto se dá devido ao fato de que o paradigma consciencial estuda a consciência, e a melhor maneira de realizar este estudo é o pesquisador pesquisar a si mesmo, pois é a consciência que pode analisar com mais profundidade a si própria. Desta maneira, a tarefa do esclarecimento (tares) ao outro embasa-se na autotares e na autopesquisa.

Almeida (2014), complementa dizendo que a tarefa do esclarecimento se encontra entre os principais recursos interassistenciais apresentados pela conscienciologia que pode realizar catálise cosmoética do processo evolutivo. Neste sentido, para promover a tarese é preciso realizar o auto e heterodesassédio, intra e extrafísico, quanto aos temas que produzem conflitos íntimos, perda do bem-estar intrapsíquico e desqualificam a vida intraconsciencial.

Segunda as experiências da autora, a docência conscienciológica não se resume em transmissão de informações, é na verdade palco interassistencial multidimensional. O público multidimensional se faz presente e a tarese é realizada muito mais pela verbação (verbo+ação) téatica (teoria+prática) do docente do que pela exposição de conhecimento teórico acumulado.

A teática constante do currículo parapedagógico do professor-conscienciólogo, segundo Alves (2011), interfere diretamente em suas ações como agente retrocognitor, evocando memórias dos alunos, pois permite que sua verbação docente contribua para singular identificação energético-consciencial-vivencial com alunos – passageiros evolutivos – e consciências a eles relacionadas.

Para Royer (2017), a atividade docente, especialmente em conscienciologia tem complexidades, e o professor/professora qualificará a sua atuação ao se manter em crescente desenvolvimento de maturidade com a formação continuada, suas autopesquisas e reciclagens. Pois ao dinamizar a evolução pessoal, o docente em conscienciologia mantém-se alinhado às verpons e otimiza sua teática, elevando a verbação e a força presencial sadia.

Um dos maiores desafios da docência conscienciológica, segundo Almeida (2014), está na coragem em compartilhar seu microuniverso intraconsciencial no ato de ensinar a partir do exemplarismo e da comunicação habilidosa e paradidática. Este tipo de abordagem possibilita conduzir o processo de qualificação intraconsciencial com o aprofundamento da cosmoética que permeia, como pano de fundo, todo processo de reeducação consciencial.

A docência conscienciológica tem como meio de reeducação a tarefa do esclarecimento, e para realizar a tares de modo eficiente o docente precisa estar em dia com a autotares, tendo em vista que o professor esclarece principalmente pelo exemplarismo (SILVEIRA, 2017).

Ainda sobre o processo da tares, Almeida (2014) adiciona que a tares exige coragem do docente para o autoenfrentamento e exposição de caso, vivência, laboratório consciencial (labcon), enfim, o exemplarismo pessoal para sensibilizar, conscientizar e inspirar a mudança e a reciclagem intraconsciencial (recin) dos discentes.

Assim como a coragem, o despojamento também pode ser o traço-força qualificador da autoexposição docente, desde que alinhada ao foco assistencial, evitando excessos e exibicionismo. Importante o docente autoquestionar-se sobre a qualidade da sua intencionalidade, se busca realizar esclarecimentos alinhados com a equipex ou se objetiva proteger sua autoimagem e atrair admiradores de suas habilidades cognitivas/comunicativas.

A intencionalidade exerce papel crucial no direcionamento da atividade do docente em conscienciologia, a partir de experiências pessoais foi possível discernir a dimensão do impacto da intencionalidade qualificada e desqualificada. Ao qualificar a intencionalidade, o docente se conecta mais profundamente com a equipex e se coloca como mini peça dentro de um maxi mecanismo. Com a intencionalidade desqualificada, o docente mantém foco egoísta, desconecta-se da interassistência, apresenta necessidade de proteger a autoimagem e perde oportunidades evolutivas.

A autora Palmer (2012), destaca a importância da conexão estabelecida com os estudantes e a habilidade de conectá-los com a matéria ensinada, frisando que isto depende menos dos métodos utilizados do que do grau de autoconhecimento e autoconfiança quanto à própria personalidade do professor, aliado ao abertismo pessoal para tornar seu mundo interior disponível e até certo ponto vulnerável.

A docência em conscienciologia traz diversos benefícios, principalmente para o próprio conscienciólogo-docente, e estas repercussões ainda não conseguem ser totalmente avaliadas em nosso atual nível evolutivo. Segundo as experiências pessoais, apresentando-se como observador que procura realizar esta análise do ponto de vista intrafísico, com a cognição e percepção restrita devido a diversos fatores, como a genética, as preocupações diárias e até mesmo a falta de

sinapses cerebrais, entre outros, torna-se difícil de compreender com profundidade a extensão dos efeitos multidimensionais dos esclarecimentos praticados em sala de aula. As reações em cadeia das reconciliações e ressarcimentos são, em geral, mais complexas e intrincadas do que tendemos a analisar.

Para Rezende (2002) alguns dos efeitos da docência conscienciológica são: expansão da comunicabilidade, desenvolvimento da liderança cosmoética, incremento da intelectualidade e associação de ideias, estímulo ao autodidatismo, aprofundamento e desenvolvimento da sinalética parapsíquica pessoal, proporciona insights relativos à autopesquisa, amplificação da autopercepção, qualificação do epicentrismo consciencial lúcido, impacto sadio no humor pessoal e maior leveza às relações de convívio.

No caso da autora, outro ponto a ser destacado é a percepção de aprofundamento no contato com amparo de função e a prática da interassistencialidade a grupos intrafísicos e extrafísicos com os quais o docente possui *rapport* e possíveis débitos cármicos.

Em suma, a seção buscou abordar a docência conscienciológica e refletir sua significativa função. Pode-se então realizar questionamentos a respeito de possíveis qualificadores para a docência conscienciológica, neste sentido, duas hipóteses são desenvolvidas a seguir.

3. TRAFORISMO

Como exposto anteriormente, a docência conscienciológica não se basta em transmitir informações teóricas, pois necessita de prática, compondo assim a teática, que se baseia na autopesquisa.

Para Silveira (2017), a autopesquisa nada mais é que o estudo de si mesmo, por meio do qual se é simultaneamente o pesquisador e o objeto de pesquisa, este estudo pode ser feito através de técnicas e métodos específicos, como a conscienciomentria e até mesmo a docência conscienciológica.

Ao realizar a pesquisa sobre si mesma, a consciência passa a conhecer-se, ou reconhecer-se, em seus traços-força, *trafores*, e em seus traços-fardo ou *trafares*.

Segunda Vieira (1994, p. 447), “o trafor é o traço-força da conscin, capaz de impulsioná-la no caminho da evolução autoconsciente”. Isto é, a capacidade ou genialidade evolutiva da consciência, segundo Lopes (2016). Para que algum talento possa ser considerado trafor, este deve produzir resultados cosmoéticos e evolutivos para a conscin e para as demais consciências. O trafor é potencial de desempenho da consciência, ou seja, é a capacidade de realizar algo.

A autora Teles (2003) corrobora a definição e acrescenta que o traço-força é a habilidade ou competência pessoal capaz de impulsionar a evolução da consciência. O trafor é traço desenvolvido, ou seja, uma conquista evolutiva, decorrente das prioridades e esforços continuados de uma conscin.

Deste modo, o trafor de hoje dá pistas do passado multimilenar da conscin, indicando a qualidade e natureza dos empreendimentos pessoais em múltiplas existências intrafísicas (TELES, 2003). Os trafores pessoais refletem as escolhas e os caminhos trilhados pela consciência, demonstrando a qualidade de suas prioridades.

Partindo destas informações sobre o conceito de trafor, pode-se introduzir como se configura o processo do traforismo. O traforismo é a ação pessoal embasada no modelo pensênico focado nas habilidades, qualidades e predicados próprios, na qual traços-força tem predominância sobre os traços-fardo. Segundo Teles (2003), o traforismo fundamenta-se na ortopensenidade e hígidez consciencial.

Na experiência da autora mostrou-se que é necessária uma postura madura e autocosmoética para que a conscin consiga assumir os trafores pessoais com autodiscernimento, esta assunção pode gerar aumento de responsabilidade individual e grupal. Para Teles (2003), nesta fase é importante evitar surtos de autocorrupção, regressões pensênicas espúrias e subnívelamento consciencial.

Corroborando este ponto de vista, o autor Bazzi (2007) afirma que traforismo designa a postura evolutiva de priorização dos trafores pessoais nos mais diversos contextos de manifestação, o que potencializaria inclusive o surgimento de oportunidades para que os trafores sejam exercidos na maior amplitude possível.

A autora observou, em experiências pessoais e dos colegas, que em geral, busca-se analisar mais os trafores, traços-fardos, do que os trafores pessoais, isto é algo que, se feito excessivamente e com autocobranças, não leva a resultados interassistenciais ou evolutivos.

Segundo Teles (2003), esta busca obsessiva por trafores, sem as devidas renovações conscienciais, recins ou recéxis, alavancadas pelos trafores, demonstra fissura consciencial, como o autoassédio e a autocorrupção.

Para a autora, além do autoassédio e da autocorrupção, outros podem ser os motivos para a consciência não atuar de modo traforista. Existe quem negue ou subestime as competências pessoais, escolhendo viver em subnível existencial ou omissão deficitária, através de um auto-pacto de mediocridade. A omissão deficitária que pode se caracterizar pelo perdularismo, em determinados casos, e pela pusilanimidade em outros, é em suma, a falta de ação e/ou posicionamento relativo a situação em que a pessoa tem a oportunidade de intervir, mas não o faz por despriorização ou medo.

A apreciação ou inclinação predominantemente pelo aspecto patológico da realidade, caracterizada como patofilia, precisa ser analisada e reciclada no sentido de eliminar conexões improdutivas, sem fins assistenciais, com dimensões e consciências mais entrópicas. Importa avaliar também se estão presentes a Síndrome da Ectopia Afetiva e/ou a Síndrome de Abstinência da Baratrofera. É válido evocar o patológico somente se for para somar positivamente, contribuir, desanuviar, superar, esclarecer, ampliar a lucidez, auxiliar (BAZZI, 2007).

Para Watanabe (2017), a busca por minimizar e erradicar o emocionalismo exagerado auxilia na resolução de problemas, pois quando se efetua análise de modo lógico, deixa-se de lado a sentimentalidade desestabilizadora.

As vivências da autora demonstraram para si que a dramatização e o emocionalismo atuam como filtros da autopercepção, distorcendo fatos, parafatos e a autopenalidade. Quando atuantes, tendem a maximizar traços-fardos e minimizar ou desperceber completamente traços-força, habilidades ou pontos positivos. Este modelo pensênico produz autopenalização voltada ao traforismo, autoassédio, autojulgamento e autoculpa, abrindo espaço para heteroassédio e desconexão com amparo de função docente.

Segundo Zanella (2017) todo assédio tem início no autoassédio que compreende a condição da consciência intrafísica que está pré-disposta a se molestar autopenaliticamente de modo patológico, sem higiene consciencial.

A autopenalidade traforista, em geral, pode assumir esta condição de autoassédio quando seu objetivo não se encontra em realizar qualificação interassistencial, mas digladiar-se e punir-se por manter traços imaturos, tendência esta percebida pela autora em sua dinâmica intraconsciencial que se fez presente na formação docente e que necessitou maior atenção e reciclagens.

Na autoqualificação para o pleno desenvolvimento do papel social e multidimensional da docência é importante a conscin posicionar-se e optar/querer realmente promover o autodesasédio, que se define como pensenização sadia da consciência em relação a si mesma, catalisando o enfrentamento dos desafios e contrafluxos evolutivos (ZANELLA, 2017).

Aquele que apenas reforça seus trafores demonstra desconhecimento de seus trafores (SCHVEITZER, 2002), a identificação e o cotejo dos trafores e trafores é o primeiro passo na aquisição da postura traforista, porque oferece subsídios (informação) para renovação do referencial pessoal.

A condição de ignorância dos próprios trafores e a não assunção destes pode levar a conscin a um afastamento de si mesma na condição de consciência integral e de seu curso intermissivo, assim como de sua programação existencial, ou proéxis, que foi planejada com base nas habilidades e aptidões pessoais marcantes.

A postura traforista exige condutas pessoais específicas, iguais a estas 9, listadas em ordem alfabética:

1. Autenticidade. Desenvolver maior realismo consciencial.
2. Contrafluxo. Estar pacificado para a condição de viver em contrafluxo da socin patológica predominantemente traforista.
3. Cosmoética. Extinguir as autocorrupções espúrias, vivenciar a cosmoética teática e aplicar a maturidade consciencial máxima conquistada.
4. Despojamento. Abrir mão dos trafores e de posturas castradoras da evolução, expor-se com despojamento e utilizando suas maturidades.
5. Disponibilidade. Ter disponibilidade íntima sincera de participar de mecanismos interassistenciais.
6. Ousadia. Pensar grande, estabelecer metas pessoais avançadas e desafiadoras.
7. Posicionamento. Destemor quanto ao ônus do não.
8. Responsabilidade. Assumir, de fato, a responsabilidade quanto ao nível evolutivo pessoal.
9. Singularidade. Viver, pacífica e cosmoeticamente, enquanto consciência singular, invulgar e acima da média.

Expressar os autotrafores é demonstrar o que se é capaz de realizar, e abre precedentes para maiores responsabilidades. Também pode levar a conscin a desfazer-se da autovitimização, autocomplacência, da desculpa da ignorância, fantasias e mistificações a respeito de alguma figura idealizada que possuirá o que é necessário para realizar o trabalho assistencial em questão (BAZZI, 2007).

O traforismo é o mesmo que declarar: eu sei, tenho conhecimento de como realizar determinada gama de atividades. Haja vista a condição de megahospital que constitui o planeta Terra e as múltiplas dimensões que o compõem, inclusive a baratrofera, pode-se concluir que aqueles que se declaram capazes de realização possuem muito trabalho pela frente. Portanto, é válido refletir sobre o nível pessoal de resistência ao traforismo, pois ele pode ser indicativo de alguns traços intraconscienciais a serem reciclados (BAZZI, 2007).

Assumir postura traforista é condição inevitável na evolução consciencial, este processo inicia-se com o genuíno interesse íntimo da consciência em se qualificar, melhorar as abordagens e as interrelações (SCHVEITZER, 2002).

A conduta traforista, segundo vivências da autora, tende a facilitar o resgate de informações do Curso Intermissivo, devido ao autoalinhamento e autocentragem consciencial, o que gera impactos positivos na realização prática dos planos traçados no período intermissivo (proéxis).

A qualidade e quantidade do amparo extrafísico recebido está na medida direta da predisposição pessoal em pôr os trafores pessoais em prática visando a interassistência (BAZZI, 2007).

Segundo Watanabe (2017), é importante trabalhar a receptividade das condições pessoais, com olhar otimista, maturidade e abertismo consciencial, pois isto favorece a instalação da autovalorização dos trafores.

É necessário ao docente posicionar-se por dominar, enfrentar, superar, romper, transpor ou não sucumbir às pressões assediadoras (ZANELLA, 2017). O docente, seja em formação ou não, pode utilizar técnicas de análise de trafores para autofortalecimento visando não sucumbir ao heteroassédio e imunizando-se contra o autoassédio, técnicas que surtiram efeitos no caso da autora.

Entrar em contato com os próprios trafores não deve ser visto como atividade de autoindulgência e egolatria. Muito pelo contrário, como a autora pode atestar em sua experiência pessoal, essa aproximação com as forças intraconscienciais aumenta a responsabilidade do docente, não podendo este esquivar-se de si mesmo, de suas qualidades e das forças internas muitas vezes inutilizadas.

O autoesclarecimento a respeito das potencialidades pode gerar desconforto na conscin que tem preferido não se autoconhecer e não utilizar suas fortalezas multiexistenciais, pois ao constatar o volume e a qualidade dos trafores a consciência pode analisar em quais atividades vem se mostrando omissa e quais carros-chefes da proéxis vem menosprezando. No caso da autora, algumas das frentes que se mostravam em omissão eram a escrita conscienciológica tarística, o bom uso da comunicabilidade oral e da força presencial.

Para Zanella (2017), se você se conhece, avalia os próprios pensenes constantemente e possui algum domínio energético, pode avançar na interassistencialidade. A autopesquisa e a autoavaliação pensênica se mostram importantes no processo de qualificação tarística, mas é necessário ressaltar pontos não incluídos por Zanella, como a autobenignidade e a qualificação da intencionalidade.

A ortopensenidade tem assim função basilar na docência conscienciológica, visto que o amparo extrafísico sadio somente se consolida a partir da predominância de pensamentos retos e cosmoéticos, em relação a si e as demais consciências (VIEIRA, 2013).

4. ASSUNÇÃO MULTIDIMENSIONAL DA DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Ao assumir papel de docente, a conscin passa a se manifestar multidimensionalmente como agente de esclarecimento. Seu grupo de assistidos é formado principalmente por conscins e consciexes aos quais necessita esclarecer, sobre os quais possui algum grau de ascendência, afinidade, responsabilidade ou necessidade de prover determinado ressarcimento. Desta forma, o docente em formação se vê no desafio de bancar neoposicionamento maduro e homeostático frente a consciências que podem ter sido suas antigas vítimas ou algozes.

Na experiência pessoal da autora, esta percebeu que o contato mais aprofundado com estes grupos de consciências extrafísicas evocativas de padrão nosográfico pessoal do passado pode gerar instabilidade no neodocente, sejam de ordem energética, emocional ou ideativa.

O foco traforista pode auxiliar neste momento de vacilação e evitar ou gerar remissão de banzos e ectopias afetivas, pois a ênfase nas forças pessoais reconecta o docente com a responsabilidade assistencial e com amparadores predispostos a trabalhar ombro a ombro na realização e expansão da assistência e reurbanização extrafísica, segundo vivências da autora.

Para Alves (2011), as ideias e os conceitos sobre docência conscienciológica são postas à prova e experimentadas no mundo real e multidimensional da aula crítica-reflexiva, que permite a recuperação de cons, promoção de recins e otimização do processo evolutivo do professor e alunos.

Compreendendo-se a responsabilidade em ser docente de conscienciologia, expõe-se com clareza a necessidade em ressaltar pontos basilares estruturantes como a pensenidade e o auto-desassédio que podem desestabilizar o docente, sendo que seu trabalho principal é a tares, o esclarecimento das consciências, o auto e o heterodesassédio (ZANELLA, 2017).

A coerência é ponto essencial no processo de autoposicionamento multidimensional. Segundo Silveira (2017), a comunicação é transparente quando existe coerência na manifestação, o emissor do discurso tem verbação e teática, deste modo o receptor, intra ou extrafísico, percebe que a mensagem tem energia, demonstrativo da autoridade cosmoética do comunicador.

A assunção multidimensional da docência e dos trafores pessoais catalisa a força presencial e o potencial assistencial da conscin durante a formação docente. Expor-se com autenticidade e despojamento, mantendo em mente os trafores e a valorização do amparo de função gera efeitos homeostáticos de expansão da interassistência. Assumir trafores é exemplo ao grupo de assistidos de que mesmo o assistente tendo imaturidades e trafores, como todos têm, isso não o constrange, não o inibe e não trava seu caminhar evolutivo. Pelo contrário, assumir e vivenciar trafores é impactoterapia para consciências com viés viciado em buscar e explicitar apenas o negativo em si e nos demais.

Segundo Andrade (2015), a cosmoética se aprimora quando temos a coragem de assumirmos o paradever de manifestar o nosso melhor.

Com o uso do abertismo somos capazes de receber informações e feedbacks multidimensionais, relacioná-los sem preconceitos, testá-los, integrá-los à vivência diária transformando-os em conhecimento, demonstrando a contundência da coerência (ANDRADE, 2015).

É através da convivência que se promovem as autorreduções e heterorreduções evolutivas. Daí resulta a interassistencialidade e a construção de vínculos assistenciais duráveis. Um lema vinculado à interassistencialidade é o seguinte: “com você melhor, todos ganham” (BIZZA, 2017, p. 70).

A partir da teática da autora, esta verificou que um assistente autoconsciente das potencialidades e habilidades pode ser melhor utilizado pelos amparadores extrafísicos no maximecanismo interassistencial, pois só assiste quem tem algo a oferecer.

Um dos âmbitos em que o traforismo pode impactar é na escrita, como no caso da autora que após assumir traços-força relativos à intelectualidade e à grafopensenidade escreveu e apresentou diversos verbetes para a Enciclopédia da Conscienciologia e artigos em Fóruns e Simpósios. Corroborando a experiência pessoal, Teles (2003, p. 167), afirma que “a produtividade pessoal alcança a velocidade de cruzeiro quando a conscin aprende a convergir os trafores na produção de obras libertárias em favor de todos”.

Através da assistenciologia, dinamizar e priorizar os traços-força é conduta mais inteligente aos interessados em qualificar e estender a assistência a um maior número de consciências (TELES, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa é possível concluir que a assunção de trafores e a visão traforista de si e de outrem levam a progressivo auto e hetero desassédio e desdramatização, assunção cada vez maior de responsabilidades e produtividade consciencial.

Com relação à assunção multidimensional do papel de docente em conscienciologia traforista verificou-se que este processo cria ambiência para esclarecimentos, exemplarismo e assistência grupocármica seriexológica singular e crítica, situação que pode ser aproveitada homeostaticamente pelo docente lúcido e autodesassediado.

O autoexemplo é das formas mais eficazes de tares, neste sentido o traforismo interassistencial pode ser entendido como demonstração didática e paradidática. Ou seja, ao expressar os trafores pessoais, a consciência está dando exemplo a todos, conscins e consciexes, de utilização dos potenciais e superação de visão traforista estagnadora. Do mesmo modo, a expressão dos trafores do colega evolutivo demonstra patamares que se pode conquistar. O foco traforista torna o docente mais acolhedor, retilíneo pensenicamente e alinhado com o amparo extrafísico.

O traforismo qualifica a pensenidade, a conduta pessoal da conscin e alavanca a interassistencialidade teática, podendo gerar efeitos evolutivos notáveis, maior responsabilização existencial e produtividade gesconológica.

REFERÊNCIAS

Livros

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PALMER, P. J. **A Coragem de Ensinar**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

Artigos em periódicos

ALMEIDA, Roberto. *Neuroconscienciologia na Reeducação e Qualificação da Vida Interior*. **Revista de Parapedagogia**, Ano 4, N. 4 – outubro de 2014; páginas 39-47.

ANDRADE, Helmar. *Reverificabilidade Cosmoética*. **GLASNOST**. Ano 2. N° 2. Julho de 2015; páginas 14-20.

BAZZI, Munir; *Traforismo Interassistencial*; Artigo; Revista; **Conscientia**; Vol. 11; N. 1; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Janeiro a Março, 2007; páginas 66 a 72.

BULGRAEN, Vanessa C. *O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento*. **Revista conteúdo** 1.4 (2010): 30-38.

DAROIT, Meracilde. *Amparo Docente-Conscienciomético: Impulsionador dos achados e reciclagens evolutivas individuais e grupais*. **GLASNOST**. Ano 2. N° 2. P. 34-44.

REZENDE, Ana Luiza. *Parapedagogia e inversão existencial*. **Conscientia**, 6(4): 251-256, out./dez., 2002.

ROYER, Júlio. *Docenciograma: Instrumento de Auto e Heteroavaliação Docente*. **Revista de Parapedagogia**. Ano 7. N. 7. Outubro, 2017. P. 11-18.

- SILVEIRA, Fátima Teresinha. *Tares – Reciclagem na Formação Docente*. **Revista de Parapedagogia**. Ano 7. N. 7. Outubro, 2017. P. 67-75.
- TELES, Mabel; *Traforismo*; Artigo; **Revista Conscientia**; Vol. 7; N. 4; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Outubro a Dezembro, 2003; páginas 163 a 167.
- WANATABE, Thais de Oliveira. *Autorreeducação Parapsíquica*. **Revista de Parapedagogia**. Ano 7. N. 7. Outubro, 2017. P. 127-138.
- ZANELLA, Simone Battistella. *Pensividade e Opção pelo Autodesassédio na Qualificação Docente: um relato pessoal*. **Revista de Parapedagogia**. Ano 7. N. 7. Outubro, 2017. P. 59-66.

Caroline Andreia Engelmann, psicóloga, voluntária da Conscienciologia desde 2014, atuando na Associação Internacional de Conscienciometria Interassistencial CONSCIUS e Associação Internacional de Inversão Existencial ASSINVÉXIS, docente de Conscienciologia desde 2017, verbetógrafa da Enciclopédia da Conscienciologia, tenepessista desde janeiro de 2018. E-mail carolinewengelmann@gmail.com